



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Dostoïevski e o parricídio
Dostoïevski et le parricide
Dostoïevski and the parricide

Nathalia Christina Gonzaga Martins

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9929-3055>

Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-Rio (Rio de Janeiro, Brasil)
Mestranda em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)
Membro adjunto do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana/ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)

E-mail: nathaliacgmartins@gmail.com

Resenha do livro:

Freud, S. (1996). Dostoievski e o Parricídio. In Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago. Volume XXI, p. 187-203. (publicado originalmente em 1928 [1927]).

Fiódor Dostoievski (1821-1881) é considerado um dos maiores romancistas e pensadores da história. Escritor russo, logrou êxito já em seu primeiro romance. Viveu na época do império russo e se destacou por retratar questões filosóficas e psicológicas profundas e atemporais.

Dostoievski foi além de seu tempo, influenciou diretamente a literatura, a psicologia, a filosofia e a teologia. Ele é reconhecido como precursor de diversos movimentos, dentre eles a psicanálise. Em 1879, Dostoievski escreve sua obra-prima: "Os irmãos Karamazov". É uma das mais importantes obras russas e foi considerada por Sigmund Freud, como "o mais grandioso romance jamais escrito" (1928 [1927]/1996, p.187).

Para Freud, "Os irmãos Karamazov" (1879), "O Édipo Rei" (427 a.C.) e "Hamlet" (1599-1601) são três importantes romances que abordam o embate entre pai e filho, retratando o "Complexo de Édipo". O "Complexo de Édipo" é um conceito fundamental na teoria psicanalítica. Em "Dostoievski e o Parricídio" (1928 [1927]), Freud pôde expressar seus pontos de vista sobre o escritor russo e também trazer importantes contribuições para a teoria psicanalítica.

Freud estuda a rica personalidade de Dostoievski e a divide em quatro facetas: o artista criador, o neurótico, o moralista e o pecador/criminoso. O escritor russo era uma grande personalidade, mas o resultado final das batalhas morais não foi muito glorioso. Segundo Freud, "Dostoievski jogou fora a oportunidade de se tornar mestre e libertador da humanidade e se uniu a seus carcereiros" (1928 [1927]/1996, p.187). Após inúmeras lutas para reconciliar as exigências pulsionais com as reivindicações sociais, Dostoievski assumiu uma posição retrógrada de submissão à autoridade.

O pai da psicanálise acredita que o fracasso dessa grande personalidade foi devido à sua neurose. Dostoiévski era filho de um médico militar e de uma dona de casa, possuíam um passado relativamente nobre, mas não eram abastados financeiramente. Seus pais eram adeptos de uma educação religiosa (cristianismo ortodoxo) e influenciaram Dostoiévski e seus irmãos a estudarem literatura e assuntos da humanidade, desde muito cedo. Sua mãe faleceu no ano de 1836 e três anos depois, seu pai falece, assassinado.

Freud seleciona três fatores, o primeiro quantitativo e os demais qualitativos, que contribuíram para a complexa personalidade de Dostoiévski. O primeiro é "a extraordinária intensidade de sua vida emocional"; o segundo é "sua disposição instintual [pulsional] inata e pervertida, que inevitavelmente o marcava para ser um sadomasoquista ou um criminoso"; e o terceiro fator são "seus dotes artísticos inalisáveis" (1928 [1927]/1996, p.189).

Freud pensa na personalidade do pecador/criminoso por ser uma escolha de material frequente nas obras do escritor. Este fato somado a certos eventos de sua vida pessoal, como a compulsão pelo jogo, indicam que existem tendências semelhantes em si próprio. A pulsão destrutiva era muito intensa e poderia tê-lo transformado, facilmente, em um criminoso. Porém, encontrou solução sendo dirigida para dentro do sujeito, foi expressa sob a forma do masoquismo e do sentimento de culpa.

A combinação dos três fatores da personalidade de Dostoiévski é obscurecida pela presença simultânea de uma neurose. A neurose é "um indício de que o ego não conseguiu fazer uma síntese, e de que, ao tentar fazê-la, perdeu sua unidade" (1928 [1927]/1996, p.189). Segundo Freud, "Dostoiévski considerava-se um epilético e era encarado como tal por outras pessoas, por causa de suas graves crises, acompanhadas por perda de consciência, convulsões musculares e depressão subsequente" (1928 [1927]/1996, p.189). Para o psicanalista, esse quadro constituía apenas um sintoma da neurose, devendo ser classificado como histeria grave.

Freud afirma que a "reação epilética" que ocorre na epilepsia, também está à disposição da neurose. Sua essência consiste em livrar-se, somaticamente, das quantidades de excitação com as quais não se pode lidar pela via psíquica. O autor, então, distingue a epilepsia orgânica do que ele chama de "epilepsia afetiva". O sujeito que padece da segunda é um neurótico e para Freud, esse distúrbio é a "expressão de sua própria vida mental" (1928 [1927]/1996, p.191).

Freud supõe que em sua infância, Dostoiévski apresentava alguns sintomas brandos da neurose e que assumiram formas graves/epiléticas após o assassinato de seu pai. Do ponto de vista da psicanálise, esse evento dilacerador é compreendido como o trauma mais severo e o ponto decisivo de sua neurose. Em seus primeiros anos, antes da deflagração do quadro de epilepsia, Dostoiévski sofreu de crises que tinham a significação de morte. Ainda menino, essa crise o acometeu sob a forma de uma melancolia súbita e infundada, uma sensação de que estava morrendo. Freud explica que essas crises "significam uma identificação com uma pessoa morta, seja com alguém que está realmente morto ou com alguém que ainda está vivo e que o indivíduo

deseja que morra” (1928 [1927]/1996, p.192). A crise de Dostoievski tinha o valor de uma autopunição; pelo desejo de que outra pessoa morresse, eu me identifico com essa pessoa e agora nós é que estamos mortos. De acordo com a psicanálise, no caso de um menino, essa outra pessoa geralmente é o pai. Logo, essa crise constitui “uma autopunição por um desejo de morte contra um pai odiado” (1928 [1927]/1996, p.192).

O parricídio é o crime principal e primeiro da humanidade, é a fonte primordial do sentimento de culpa. O relacionamento de um menino com seu pai é ambivalente; odeia e quer se livrar dele, mas também o ama e nutre certa ternura por ele. Essas duas tendências se combinam e produzem a identificação com o pai. O menino deseja estar no lugar do pai, por admirar e querer ser igual, e também por querer tirá-lo do caminho. No caminho do destino normal do complexo de Édipo, a criança compreende que ao afastar o pai como rival, pode ser punida por ele com a castração. Pelo temor à castração e no interesse de preservar sua masculinidade, “abandona o desejo de possuir a mãe e livrar-se do pai” (1928 [1927]/1996, p.193). Freud afirma que esse desejo permanece no inconsciente e constitui a base do sentimento de culpa.

O fator da bissexualidade pode ser encontrado no caso de Dostoievski e constitui um complicador para a neurose. Este ocorre quando, sob a ameaça à masculinidade do menino por meio da castração, o menino diverge no sentido da feminilidade. Se coloca no lugar da mãe e assume o papel dela como objeto de amor do pai. O menino entende que se deseja ser amado pelo pai como se fosse uma mulher, deve submeter-se à castração. Sendo assim, o impulso de ódio e o de amor ao pai são recalçados. Dostoievski possuía muitas amizades masculinas, uma estranha atitude terna para com rivais no amor e uma notável compreensão de situações que podem ser explicadas em casos de homossexualismo recalçado. Alguns desses fatores podem ser encontrados em seus romances.

Freud afirma que o conceito psicanalítico do complexo de castração é a chave para toda neurose. Foi esse conceito chave que orientou o psicanalista a compreender a chamada epilepsia de Dostoievski. Nesse texto, Freud também aborda o conceito do superego, como herdeiro da influência parental. Este surgiu através da identificação com o pai e construiu um lugar permanente para si mesmo no ego, se estabelecendo como um agente separado.

No caso de Dostoievski, alguns fatores foram relevantes para fixar a linha limítrofe a partir da qual seu processo de formação de consciência normal se tornou anormal. A maior parcela desse resultado é atribuída ao componente passivo da feminilidade recalçada. Somado a isso, como fator acidental, o pai que é temido, é especialmente violento em sua realidade. Esses fatores remontam “a origem de seu extraordinário sentimento de culpa e de sua conduta de vida masoquista a um componente feminino especialmente intenso” (1928 [1927]/1996, p.194).

De acordo com Freud, “uma pessoa com uma disposição bissexual inata especialmente intensa, pode defender-se com intensidade especial contra a dependência de um pai especialmente severo” (1928 [1927]/1996, p.195). Os sintomas iniciais de crises semelhantes à

morte podem ser “compreendidos como uma identificação paterna por parte de seu ego, a qual é permitida pelo superego como punição” (1928 [1927]/1996, p.195). Prossigo com o diálogo escrito por Freud para ilustrar essa passagem: “você queria matar seu pai, a fim de ser você mesmo o pai. Agora, você é seu pai, mas um pai morto”, e além disso, “agora, seu pai está matando você” (1928 [1927]/1996, p.195).

O sintoma da morte constitui uma satisfação fantasiosa do desejo masculino e também uma satisfação masoquista para o ego, mas, ao mesmo tempo é também uma satisfação punitiva/sádica para o superego. Logo, é possível perceber que tanto o ego como o superego levam adiante o papel do pai.

O ódio de Dostoiévski e seu desejo de morte contra esse pai malvado foram mantidos e acentuados pelo caráter violento e cruel de seu pai na realidade. Freud alerta que é perigoso quando a realidade atende aos desejos recalcados. Com o assassinato de seu pai, a fantasia do escritor tornou-se realidade e todas as medidas defensivas foram imediatamente reforçadas. Tendo como base que os sintomas se acentuaram nesse momento, Freud faz uma importante observação. Um momento de felicidade suprema é experimentado no auge da crise epilética. Ao escutar a notícia da morte de seu pai, é possível que Dostoiévski tenha experimentado uma sensação de triunfo e libertação, logo seguida por uma punição ainda mais cruel.

Sob a acusação de conspirar contra o czar Nicolau I, Dostoiévski foi detido e posteriormente, enviado para uma prisão na Sibéria a fim de cumprir sua pena de trabalho forçado. Há relatos de que suas crises cessaram durante esse período. Se esse acontecimento fosse comprovado, daria substância à tese de que a epilepsia dele se relacionava com o desejo inconsciente de punição.

A necessidade de punição era um elemento central na economia mental do escritor. A condenação dele como prisioneiro político era injusta, mas Dostoiévski aceitou a punição como “um substituto da punição que merecia por seu pecado contra o pai real” (1928 [1927]/1996, p.196). Logo, se Dostoiévski estava sendo punido de outra maneira, por um representante paterno, ele não precisava se autopunir.

Freud afirma que “Dostoiévski nunca se libertou do sentimento de culpa oriundo de sua intenção de matar seu pai” (1928 [1927]/1996, p.196). Na sua atitude para com o Estado e para com a crença em Deus, duas outras esferas em que a relação paterna constitui fator decisivo, esse sentimento determinou também sua atitude através de uma completa submissão.

O romance “Os irmãos Karamazov” (1879) traz a história de uma conturbada família na Rússia e o crime do parricídio, no qual o motivo da rivalidade sexual é abertamente admitido. Nessa obra, o herói se chama Dimitri e é seu irmão quem comete o assassinato do pai. O escritor atribuiu sua própria doença, a suposta epilepsia, à esse irmão; parecendo “confessar que o epilético, o neurótico nele próprio, era um parricida” (1928 [1927]/1996, p.198).

Segundo Freud, "é indiferente saber quem realmente cometeu o crime; a psicologia se interessa apenas em saber quem o desejou e quem o recebeu com alegria quando foi cometido" (1928 [1927]/1996, p.198). Logo, em "Os irmãos Karamazov" (1879), todos os irmãos seriam igualmente culpados.

Outro fator importante para a personalidade de Dostoievski era seu vício em jogos; só parava após ter perdido tudo. De acordo com Freud, uma conduta impulsivamente irracional, podendo ser compreendida também como um método de autopunição. Sem ter meios de sustentar sua família, o escritor era forçado a se empenhar em uma nova obra literária e assim se iniciava um novo ciclo. Freud afirma que "quando o sentimento de culpa dele ficava satisfeito pelos castigos que se havia infligido, a inibição incidente sobre seu trabalho se tornava menos grave e ele se permitia dar alguns passos ao longo da estrada de sucesso" (1928 [1927]/1996, p.200).

No final de seu texto, Freud afirma que em casos de graves neuroses, a satisfação autoerótica da primeira infância desempenhou um importante papel, enfatizando a relação entre os esforços em suprimi-la e o temor ao pai. A repetição da compulsão em se masturbar se correlaciona com a inclinação ao jogo como lutas mal sucedidas para romper o hábito, proporcionando ao indivíduo oportunidades para a autopunição. Esses fatores ocuparam um grande espaço na vida do escritor.

Referências Bibliográficas

Freud, S. (1996). Dostoievski e o Parricídio. In Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago. Volume XXI, pp. 187-203. (Publicado originalmente em 1928 [1927]).

https://pt.wikipedia.org/wiki/Fi%C3%B3dor_Dostoi%C3%A9vski

https://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Irm%C3%A3os_Karamazov

Citação/Citation: Christina Gonzaga Martins, N. (mai. 2019 a out. 2019). Dostoievski e o parricídio. Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana, 14(28), 159-163. Disponível em www.isepol.com/asephallus. Doi: 10.17852/1809-709x.2019v14n28p159-163

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 02/08/2019 / 08/02/2019.

Aceito/Accepted: 04/10/2019 / 10/04/2019.

Copyright: © 2019 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.